

A Instrumentalização do futebol como meio para a consolidação da Ditadura Civil-Militar (1966-1970)

Thiago Lindemaier da Rosa¹, UFSM

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar o modo como a Ditadura Civil-Militar Brasileira se consolidou através do meio futebolístico e como este passou a ser institucionalizado pela mesma. Desse modo, serão analisadas as relações políticas e publicitárias que aproximavam o futebol do governo ditador e os benefícios que trouxeram para a Ditadura, relações essas que, em conjunto com o chamado milagre econômico, foram fundamentais para a popularidade do ditador Emílio Garrastazu Médici. Tendo como base o documentário *Memórias do Chumbo – Futebol nos Tempos do Condor* (2012), produzido pela emissora ESPN Brasil, este retrata o modo como o futebol foi utilizado para propagar a imagem publicitária e o de firmamento das Ditaduras no Cone-Sul. O documentário tem como diretor o historiador e jornalista Lucio Castro e conta com a participação de nomes já consagrados na historiografia brasileira.

Palavras-chave: Ditadura; Futebol; Política; Brasil.

Abstract

The present work proposes to analyze the way the Brazilian Civil-Military Dictatorship was consolidated through the footballing environment and how this became institutionalized by it. In this way, the political and advertising relations that brought football closer to the dictator government and the benefits they brought to the Dictatorship will be analyzed, relations that, together with the so-called economic miracle, were fundamental to the popularity of dictator Emílio Garrastazu Médici. Based on the documentary *Memórias do Chumbo - Futebol nas Tempos do Condor* (2012), produced by the broadcaster ESPN Brasil, this portrays the way football was used to propagate the advertising image and the firmament of the Dictatorships in the Southern Cone. The documentary is directed by the historian and journalist Lucio Castro and includes the participation of names already consecrated in Brazilian historiography.

Keyword: Dictatorship; Football; Politics; Brazil

O futebol, como todas e todos nós sabemos, é quase um ethos brasileiro. Nele é encontrada uma paixão que nos permite formular uma identidade nacional. Esse espaço popular, que envolve tantas emoções, sendo elas ambíguas ou não, é de muita importância para a instrumentalização política e para a propaganda ideológica de governantes.

Um governo sediar ou ganhar um evento esportivo de grande repercussão é de suma importância para atingir seus objetivos, seja estes de difusão de ideias política, social ou do ponto de vista publicitário. Foi assim com as olimpíadas sediadas na Alemanha Nazista em 1936, não sendo diferente com a própria Copa de 1970, sediada no México e ganha pelo Brasil,

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Maria, currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5003689204930614>.

ou com a Copa de 1978, realizada na Argentina e conquistada por esta. De maneira geral, o futebol manteve-se entrelaçado com as ditaduras civil-militares no Cone Sul, sendo de suma importância para esses governos. No Brasil, não poderia ser diferente: a Ditadura aproveitava-se do poder que tinha para “controlar” tanto o ambiente externo quanto o ambiente interno do futebol, seja na Seleção Brasileira ou nos clubes esportivos do País (*Memórias do Chumbo – O futebol nos tempos do condor.*).

Antes do Golpe Civil-Militar de 1964, o projeto de Jango tomava forma, fomentando desgostos para a cúpula militar e para uma parcela significativa da sociedade brasileira, a Campanha da Legalidade² gerava pavor a esses setores, a qual evitou um golpe, já em 1961. Conforme aponta o historiador Carlos Fico, no documentário, o golpe se deu muito em função de uma preocupação da elite política brasileira diante dos avanços populares, os quais poderiam ser grandes, mas sorrateiramente os Estados Unidos estimulavam as disputas políticas internas, começando a criar raízes por dentro da maioria da cúpula militar.

Em 31 de março de 1964, o general Olímpio Mourão Filho (Comandante da 4ª Região Militar, em Juiz de Fora – MG), mobilizou suas tropas e as deslocou para o Rio de Janeiro. No outro dia, o Presidente João Goulart saiu de Brasília para Porto Alegre, buscando resistência à articulação golpista. O Presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, em seu discurso, declara que o cargo de presidente da República estava vago (*Memórias do Chumbo – O futebol nos tempos do condor, 2012*) e, assim, se iniciou “o dia que durou 21 anos”³.

Iniciava-se na História do Brasil Republicano, uma ditadura que, na tentativa de se estabelecer a todo custo, buscou conchavos com empresas, redes televisivas e grandes empresários, tudo em prol de dar autenticidade ao seu governo. Partindo do que é retratado no documentário analisado, a ditadura, regida pelos militares, além dos exemplos já citados, construiu um apelo público, tendo como sua principal estratégia ações publicitárias, enxergando o futebol como peça chave para difundir as suas ideias, através de um discurso que se dizia nacionalista e patriota, criando a falsa imagem de um governo harmonioso.

No início da Ditadura Civil-Militar, tentou-se demonstrar uma roupagem democrática do Governo, entretanto, rapidamente essa ideia desapareceu, como expõem o historiador Carlos Fico ao documentário. Para ficar mais nítido, quando em 1965 houve eleições diretas para prefeito de São Paulo, se promulgou uma emenda constitucional na qual os prefeitos das

² Segundo Konrad e Lameira, no trabalho intitulado “Campanha da Legalidade, Luta de Classes e Golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961-1964), a Campanha da Legalidade foi um movimento de resistência das forças constitucionais à tentativa de um possível golpe militar, em 1961. Sendo a primeira tentativa de um golpe, que fracassou devido a mobilização popular.

³ O DIA que durou 21 anos. Direção de Camilo Tavares. Brasil: Pequi Filmes, 2013.

capitais brasileiras passariam a ser nomeados. No mesmo ano, ainda se teve eleições diretas para governador em onze estados do Brasil, porém, na véspera das eleições, Castelo Branco instaurou o AI-2, dando autonomia direta ao Planalto. A partir desse ato, a conjuntura brasileira passou a dar proteção aos governadores nomeados pela Ditadura e as eleições passaram a ser indiretas para presidência da República (*Memórias do Chumbo – O futebol nos tempos do condor.*).

Logo na sequência, o AI-3 é instaurado, fazendo com que as eleições a governador passassem a ser indiretas. Isso se deu devido à vitória da oposição em Minas Gerais e na Guanabara (MEMÓRIAS, 2012). Esse Ato preparou a institucionalização das Forças Armadas como Poder Executivo, cada vez mais se tornando autônomo e gerando consequências diretas para uma parcela significativa da sociedade brasileira, principalmente em relação à repressão e à tortura, agora rotineiras.

Em 13 de dezembro de 1968, se intensificou ainda mais repressão, a partir do AI-5. Deste modo, se consolidou um governo ditatorial com atrocidades ainda mais horrendas. Com isso, não se quer dizer que não havia repressão e tortura nos primeiros anos da Ditadura Civil-Militar, pois é com o ditador Castelo Branco que ela se originou, especialmente através de um dos seus primeiros atos, a criação do Sistema Nacional de Informações (SNI). O SNI foi criado em junho de 1964, através de Golbery do Couto e Silva, seu idealizador, ganhando força e espaço como costuma acontecer em governos ditatoriais, assim, se estruturando uma instituição de grande autonomia, a qual transformava o Brasil em uma rede de segurança nacional, conforme aponta o documentário *Futebol nos tempos do Condor*⁴, produzido pela emissora ESPN – Brasil em 2012. Com isto, escolas, universidades, sindicatos, empresas privadas e estatais, entre outros departamentos da sociedade, nada fugia do controle da Ditadura. Logo, entendia-se que a paixão maior de uma parcela da sociedade brasileira estava diretamente ligada ao futebol.

Assim, passou-se a ter um controle dos estádios, sendo que a organização do Futebol sofreu uma reestruturação com a inserção o órgão de informação e repressão. Desse modo, assim como nas questões referentes aos empregos públicos e aos sindicatos, os clubes esportivos passaram a ser mecanismos estruturais para o “controle” da população, conforme aponta o já citado Carlos Fico:

⁴ Memórias do Chumbo: O futebol nos tempos do condor. Direção de Lúcio de Castro. Brasil: ESPN Brasil, 2012.

[...] tudo aquilo que depende de um aval de qualquer coisa dada pelo regime podia ser manipulado por esse esquema e isso era uma forma do controle e da violência. (MEMÓRIAS, 2012)

O futebol passou a ser uns dos principais meios da campanha publicitária do Governo, na segunda Copa do Mundo (1970) do período ditatorial, se apropriando dos símbolos nacionais, colocando como sua marca o patriotismo, o qual estava ligado diretamente com o Governo e vice-versa. Isso fez com que surgissem diversos *slogans* pró-Ditadura, buscando ganhar o apoio da população. Uns dos mais famosos, senão o mais famoso, foi “Brasil, ame ou deixe-o” (MEMÓRIAS, 2012). Toda esta estratégia não era apenas para manter a imagem favorável aos ditadores, mas, também, para colocar a prova a autenticidade da Ditadura.

Em 1966, a Seleção Brasileira de Futebol entrava em preparação para o Mundial que teria como sede a Inglaterra. Havia uma expectativa gigantesca de que a Seleção voltasse com a taça, já que seu elenco era recheado de grandes craques, como Pelé e Garrincha. Tinha-se uma expectativa muito grande sobre a Seleção, dado que era considerada uma das principais candidatas ao título. Essa expectativa gerava influências populares, mas a seleção passou a ser um objeto cobiçado, tanto por agentes que estavam dentro do esporte, quanto pelo próprio Governo. Se de um lado, temos a Ditadura que começou a montar articulações para se infiltrar nos vestiários, e até mesmo na casamata, por outro lado, temos o próprio presidente da CBD, João Havelange, almejando o tricampeonato para consolidar-se frente a uma possível candidatura à presidência da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

A Seleção Brasileira, na Copa de 1966, teve uma estratégia muito arriscada para o governo ditatorial, pois se tinha preocupação de formular uma equipe e, além disso, fazer dessa equipe um instrumento de propaganda do militarismo. A propaganda, por si só, seria direcionada para o âmbito externo do País. Na preparação de 1966, segundo o depoimento de Carlos Eduardo Sarmiento ao documentário *Memórias do Chumbo – O futebol nos tempos do condor*, foram selecionados quatro times: os verdes, os amarelos, os azuis e os brancos, sendo que os jogadores dessas equipes ficariam no mínimo três meses em preparação no Brasil e cada uma dessas equipes tinha um itinerário, pré-definido entre a ditadura e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a fim de percorrer cidades estratégicas. Entretanto, todo esse sistema de preparação não adiantou tanto para a CBD, bem como para a Ditadura Civil Militar, já que a Seleção Brasileira proporcionou um verdadeiro vexame na maior competição de futebol do Mundo.

Arthur da Costa e Silva assumiu o cargo de ditador da República em 1967, quando a repressão aumentava, bem como os protestos e manifestações. Em 13 de dezembro de 1968, foi

instaurado aquilo que daria profundidade aos tempos mais horrendos e tristes do Brasil Republicano, o AI-5. Este acabou ficando conhecido como o “golpe dentro do golpe”, sendo que a personificação do AI-5 era o delegado paulista Sérgio Ramos Fleury, o qual veio a criar o Esquadrão da Morte, sendo responsável por dezenas de execuções extrajudiciais (GUTERMAN, 2009, p. 179). Outro ponto que se intensificou de forma brutal foi a censura, como no caso do jornal *O Estado de São Paulo*, com censores dentro da redação, quando os militares usaram a desculpa de que seria uma “otimização” do trabalho, conforme está relatado ao nosso material de pesquisa. Para o bem da verdade, veio para controlar quais informações poderiam ser publicadas, sendo que, qualquer matéria que, por ventura, viesse a mencionar tortura, violação ou divergência dentro do âmbito militar, era censurada por esses agentes.

Jornalistas fugiam do país ou eram presos, assim piorava-se a situação que já era caótica na conjuntura brasileira. Aprofundavam-se o Terrorismo de Estado, poucas coisas escapavam aos olhos do Estado de Segurança Nacional, os clubes de futebol passavam a se submeter a Ditadura, sendo que qualquer nome levantado para um possível postulante a cargo em algum clube deveria passar por um aval do Estado. Segundo Fico em seu depoimento ao referido documentário abordado, os postulantes das organizações futebolísticas de cada estado brasileiro estavam agindo em prol dos militares. Os atletas e comissão técnica passam a ser cada vez mais vigiados além de serem feitos relatórios sobre seus atos nas suas vidas cotidianas, uns dos personagens mais marcantes neste período é o jornalista, que ficou mais conhecido por ser uns dos técnicos da Seleção Brasileira, João Saldanha sendo um árduo crítico da Ditadura Civil-Militar. Saldanha possuía raízes no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e isso gerava medo na cúpula dos militares, que desconfiavam que Saldanha poderia ter acesso a constantes viagens para outros países devido ao fato de estar à frente do cargo de técnico da seleção verde e amarelo, poderia estar levando consigo documentos para fora do país que denunciavam a tortura que aqui acontecia, além de levar ajuda aos exilados (MAGALHÃES, 2014, p. 91-93).

A intervenção direta que o governo fez na comissão técnica brasileira veio a derrubar João Saldanha do cargo de técnico da seleção, João já vinha desgastado e não foi demitido do cargo apenas por defender as ideias do PCB, mas também por ter grande influência e saber se manifestar. Havia um certo medo por parte dos militares devido ao desconhecimento sobre até onde poderia ir à influência de João Saldanha. E devido a essas questões já se tinha em curso um planejamento para derrubá-lo do comando da seleção. A saída de Saldanha do comando técnico da seleção brasileira, sucedeu-se após uma série de divergências com técnicos de outros clubes e principalmente com a alta cúpula militar, que desgostavam das manifestações de João

frente a imprensa, onde relatava as torturas e os estado em que o Brasil se encontrava, declarações estas feitas não somente a imprensa nacional, mas também para imprensa internacional (MAGALHÃES, 2014, p. 91-93). Além disso, e conforme nos aponta o documentário analisado, havia-se um desejo tremendo dos militares em demonstrar controle sobre a CBD, o presidente João Havelange acaba cedendo aos militares e acaba cedendo espaço dentro do comando da instituição. Desse modo, há a saída de Saldanha e conseqüentemente entrada de Zagallo para comandar a seleção na copa de 1970.

Outra mudança que vem a ocorrer é na comissão técnica com a introdução de mais militares que eram ligados ao sistema de repressão e ao sistema de inteligência. Conforme o documentário aqui já citado, além da queda de Saldanha os militares impõem à CBD o brigadeiro Gerônimo Bastos na chefia da delegação e esse por sua vez leva para a frente da chefia de segurança um agente da repressão Roberto Câmara Lima Ypiranga (MEMÓRIAS, 2012), cujo nome consta na lista de hoje dos indivíduos que estavam ligados a tortura e que João Saldanha possivelmente revelaria em uma crônica ao *Jornal do Brasil*.

Vou escrever uma matéria sobre a presença exigida, e por mim repelida de policiaes espancadores na concentração. Foram barrados por mim, mas depois fui barrado por eles. Afinal de contas estavam no poder, e que poder. Trecho Oda entrevista de João Saldanha ao Folha de São Paulo. (MEMÓRIAS, 2012)

Os militares temiam que as atrocidades cometidas por eles viessem à tona, manchando a imagem do governo, por conta disso o ditador Arthur Costa e Silva no ano de 1968 cria a Agência Especial de Relações Públicas (AERP). A criação da AERP surge após debates na cúpula militar sobre a necessidade de assegurar uma imagem favorável a ditadura buscando um papel agregador social (GUTERMAN, 2009, p.180) a AERP surge para passar construir uma identificação nacional, através deste programa ideológico.

A ditadura, durante o Governo de Costa e Silva, passou a ter uma estratégia de infiltração sobretudo em 1969 a infiltração passa a ser de suma importância sendo considerada uma marca vitoriosa como dito pelos próprios militares, a técnica de infiltração tentava buscar controlar a sociedade por agentes que eram da repressão. Um exemplo disso é a nomeação do já citado Roberto Ypiranga a chefia da segurança da delegação brasileira, não por mera coincidência esse esteve envolvido dois anos antes no atentado a explosão do gásômetro no Rio de Janeiro. A escolha de Roberto Ypiranga na delegação de 1970 tinha como objetivo controlar informações que saíam de dentro da delegação ou do vestiário, este era a espécie de um mensageiro da ditadura blindava as informações para que não saíssem para o âmbito externo (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 142).

Já para os jornalistas cobrirem as matérias da seleção teriam que possuir duas credenciais, uma imposta pela FIFA e o credenciamento da Seleção Brasileira, os jornalistas que não possuíssem uma das duas não poderiam cobrir a seleção no hotel onde essa estaria alojada. Uns dos personagens que não pôde cobrir a seleção foi o próprio João Saldanha já que as credenciais passavam pelas mãos do sistema de segurança (MEMÓRIAS, 2012)

Se fora de campo parte da população passava por atos desumanos, dentro de campo a seleção do Brasil era só alegria, pois estava proporcionando dentro da competição grandes espetáculos futebolísticos. Isso fez com que boa parte da sociedade brasileira se encantasse, tudo o que o meticuloso governo brasileiro poderia sonhar, transformou-se em um mecanismo de legitimação, os militares que estavam no governo usaram e abusaram das propagandas publicitárias para se legitimar, principalmente no governo do ditador Médici, mas conforme podemos perceber através das palavras de Livia Magalhães:

Permanece a ideia de que o futebol e os esportes de uma maneira geral são usados, manipulados, pelos regimes autoritários. Da mesma forma com os torcedores, que participam supostamente sem o conhecimento da realidade em que vivem, o conhecido ‘nós não sabíamos’. [...] ajudam a problematizar essas memórias. (MAGALHÃES, 2014, p. 13).

O futebol passa a ser uns dos mecanismos fundamentais na ditadura militar de Emilio Garrastazu Médici, este assume a sua posse frente a república em 1969 em meio a um cenário que até então era conturbado devido a uma crise no poder que abria as portas para uma conjuntura ainda mais violenta. Médici era uma figura que viria a ter grande visibilidade e influência em alguns setores da brasileira, movimentava um grande apelo da população dos trabalhadores do Brasil. Com Médici o Brasil estava em plenos momentos de empregos, mas, ainda havia desemprego e isso somado a identificação que tinha com a paixão pelo futebol, lhe rendiam bons frutos. Em depoimento dado em 1999 pelo ex-presidente Luís Inácio “Lula” Da Silva ao historiador Ronaldo Costa Couto, Lula diz:

Hoje a gente pode dizer que foi por conta da dívida externa, milagre brasileiro e tal, mas dado o concreto é que, naquela época, se tivesse eleições diretas, o Médici ganhava. E foi no auge da repressão política mesmo, o que a gente chama de período mais duro do regime militar. A popularidade do Médici no meio da classe trabalhadora era grande. Luís Inácio Lula da Silva (COUTO, 1999, p. 117).

A influência de Médici no âmbito trabalhista, juntamente com as propagandas publicitárias da ditadura criaram vínculos com boa parte da população, com o trabalho publicitário do Coronel Otavio Costa na Agencia Especial de Relações Públicas, se desenvolveram propagandas atrativas. Assim, fato que contribui para o sucesso da ditadura

nesse período é a implementação do uso da televisão, o Brasil iria assistir pela primeira vez pela televisão um mundial. Conforme aponta Otavio Costa o início do uso da televisão facilitou muito a publicidade em torno do Ditadura Civil-Militar:

Essa repercussão pela televisão dá uma repercussão inimaginável, espantosa e multiplicou de muito o sucesso que os jogadores conquistaram em campo. O Brasil foi bem-sucedido, o Brasil foi campeão e espantosamente isso apareceu o presidente surgiu. As coisas convergiam uma entre a outra. [...] O sucesso da Copa do Mundo foi a canção de Miguel Gustavo “Pra Frente Brasil. Otavio Costa. Militar responsável por boa parte da publicidade deste período em entrevista ao documentário (MEMÓRIAS, 2012).

Em meio a essa “cortina de fumaça” encobria-se muito bem os rastros da tortura realizada pela Ditadura Civil-Militar. Com o Brasil se consagrando tricampeão mundial as resistências contra a ditadura foram reprimidas com mais intensidade e o “milagre brasileiro” em curso, Médici se tornava cada vez um ditador influente, mesmo sendo um agente que girava em torno da repressão e tortura, encobrendo suas barbaridades como os exemplos acima citados. As pessoas estavam maravilhadas com a facilidade e usufruto do falso milagre econômico brasileiro, a maioria da população conseguia comprar eletrodomésticos e isso fazia do governo do Médici um governo excelente para uma classe social que teria um certo poder de aquisição (MEMÓRIA, 2012).

Com a conquista do tricampeonato o futebol se distinguiu entre o público e do privado, isso fica evidente quando o general Médici doa um cheque de 25 mil cruzeiros através da caixa econômica federal a cada jogador tricampeão, e quando o então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf veio a responder um processo pelo ato de doar a cada jogador, um fusca bancado pelos cofres públicos (BOMBONATO, 2013, p. 23). O futebol passa a ser ainda mais monitorado, equipes de imprensa estavam em constante vigilância assim como João Saldanha que ainda era visto como um perigo para a ditadura e deveria ser controlado. Até mesmo João Havelange era vigiado pelos órgãos de informações e conforme está no conteúdo do documentário já citado produzindo pela ESPN, Havelange era submetido a inquéritos militares por conta da sua corrupção onde se denunciavam excessivas irregularidades no setor imobiliário “para a federação” e isso sustentava uma rede de corrupção mapeada através de Havelange, como aponta Carlos Eduardo Sarmento também em entrevista ao documentário:

Os inquéritos sobre Havelange iriam muito mais que a corrupção, mas também por este ter um vínculo familiar que Havelange teria com Juscelino Kubitschek desde o primeiro IPM que foi convocado ele se recusou a levar um advogado levando consigo um amigo que era general e isso dava aos seus algozes uma preocupação. Trecho da entrevista de Carlos Sarmento dada ao

documentário *Memórias do Chumbo – O futebol nos tempos do condor*, 2012. (MEMÓRIAS, 2012)

Isso mostra como Havelange teria influências dentro do setor militar, que por parte dos militares com o então presidente da CBD se dariam em prol de uma sistemática inclinação da ditadura mandando e desmandando dentro da instituição em troca de um passe livre para que Havelange pudesse continuar com seus ativos esquemas de corrupção.

Outro personagem que fica muito em evidência nesse período é Edson Arantes do Nascimento - o Pelé. De acordo com os documentos do serviço de informações do extinto DOPS qualquer desconfiança que se tinha acerca de Pelé foi extinta no dia 21/10/1970 depois da conquista do mundial onde este ficou responsável por defender a ditadura. Conforme apura o relatório do DOPS de São Paulo obtido pelo o documentário.

[...] tendo ele asseverado que nem si quer tomara conhecimento do teor do referido documento, esclarecendo, ainda, que durante os jogos que realizou no México, Colômbia, e Bogotá foi assediado por comunistas para assinar manifestos contra o nosso Governo, com o que não concordou por ser contrário ao comunismo podendo, inclusive, fazer pronunciamento nesse sentido, se julgado conveniente.

Conclusão

Ao fim e ao cabo notamos que o futebol como espaço de cultura e lazer pode ser sim um ambiente propício para que governos tirem vantagens em prol de seus próprios benefícios, quem diz que o futebol e o âmbito político são duas esferas antagônicas que não podem ser relacionadas está cometendo um erro grotesco, a pessoa que afirma esse ponto não sabe nada ou sabe muito pouco sobre a história do Brasil. No decorrer dos anos podemos ver que não somente o futebol, mas o esporte como um todo foi utilizado como ferramenta política para atingir publicidade a determinados governantes, pratica vista geralmente em governos de cunho autoritário ou totalitário. O esporte passa a ser cobiçado pelo controle estatal, em busca de criar uma identidade nacional entre o governo e o esporte (GUTERMAN, 2009, p. 101).

No decorrer deste trabalho podemos perceber que a Ditadura Civil-Militar mantinha fortes laços com a CBD e vice-versa, esses laços iam desde a convocação de jogadores, escolha da comissão técnica, âmbito de segurança interna e externa, ou seja em quase todas as relações desportivas, tudo passa pela ditadura. Tanto é que, na copa de 1970, no México, os jornalistas brasileiros que iriam cobrir a seleção brasileira no mundial necessitavam de duas credenciais, uma imposta pela FIFA e outra pela CBD, forma esta que a Ditadura utilizou para controle de informação. Lembremos aqui os casos de João Saldanha e João Havelange, em que Saldanha seria um perseguido pelo governo devido a suas posições políticas e Havelange um agente que

tanto ajudou a Ditadura Civil Militar, quanto foi ajudado pela mesma, assim sendo uns dos principais aliados e beneficiados pelo governo, assim consideramos que o esporte além de ter seu lado voltado ao lazer este é intrinsecamente ligado ao meio político, muitas vezes sendo um objeto de disputa.

Podemos afirmar que o mundial de 1970 juntamente com o falso milagre econômico brasileiro foram dois mecanismos estruturais para a consolidação e polarização da ditadura imposta por Médici. Porém, segundo as questões levantadas nesse trabalho não se pode dizer, portanto, que o futebol é apenas o famoso “pão e circo”. Mesmo que tenha sido um instrumento beneficiário para os militares e principalmente para as elites econômicas que apoiavam o governo, o fato de mexer com o sentimento nacionalista e com o patriotismo da nação, juntamente com a ferrenha censura em cima de suas atrocidades foram também fatores que contribuíram para que a ditadura se estabelecesse por 21 anos neste país.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Anderson da S. A Copa de 1970 nos folhetos de cordel: poesia, futebol e política em tempos de Ditadura. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0208, mai/ago. 2020.
- BOMBONATO, Pedro Guilherme Orzari. **Carnavalização e Linguagem: o futebol como dramatização da sociedade brasileira**, 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da Ditadura e da Abertura: 1964-1985**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.
- GERHARD, Dilger. **Resistências no País do Futebol: a copa em contexto**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2014.
- GONÇALVES, Lucas Toledo. O CURIOSO CASO JOÃO SALDANHA: representações a partir do documentário memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor. **Tempos Gerais: Revista de Ciências Sociais e História**, São João Del-Rei, n. 1, p. 83-100, 2016.
- GUTERMAN, Marcos. Médici e o Futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 267-279, 2004.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do País**. São Paulo: Contexto, 2009.

KONRAD, Diorge Alceno, LAMEIRA, Rafael Fatinel. Campanha da Legalidade, Luta de Classes e Golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961-1964). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 18, n. 33, p. 67-98, 2011

MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, copa do mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Lamparina: Rio de Janeiro, 2014.

MEMÓRIAS do Chumbo: O futebol nos tempos do condor. Direção de Lúcio de Castro. Brasil: ESPN Brasil, 2012.

O DIA que durou 21 anos. Direção de Camilo Tavares. Brasil: Pequi Filmes, 2013.